

Perante um grupo de supostos anarquistas que anda caluniando a Organização Operária

Um grupo de indivíduos que se intitulam anarquistas e se dizem orientadores da União Anarquista Portuguesa anda a difamar a Organização Operária, não só pela província como até pelo estrangeiro.

Estávamos dispostos a não nos metermos em discussões inúteis ou mesmo prejudiciais, dirigindo a nossa atenção de preferência para todos os assuntos e problemas que directa ou indirectamente contribuíam para o engrandecimento da organização proletária. E se hoje condescendemos em tocar neste assunto, é porque o leal e franco combate aos supostos anarquistas que andam fomentando a ruína da C. G. T., a esta interessa directamente, porquanto defende-la dos seus detractores é engrandecê-la.

Sempre houve luta de ideias, de critérios, de princípios ou de métodos no seio da Organização Operária. Os homens, sendo iguais em direitos essenciais à vida, não o são em temperamento. Por isso a discussão entre eles é um facto natural, tão humano como o comer ou o dormir. Não admitimos, porém, que se transforme essa natural divergência de ideias numa chicana desmoralizadora e animada de má fé como essa que andam fazendo os tais cavalheiros que a eles próprios se passaram um atestado de anarquistas para enganar os que realmente o são.

Nun jornal que se publica em Paris, a expensas dos refugiados libertários espanhóis, surgiu uma local em gorda letra inspirada certamente pelos tais falsos anarquistas que vêm caluniando a C. G. T. portuguesa. Essa local, plena de falsidades odiosas, não a atribuímos aos orientadores do referido jornal — *Tiempos Nuevos* — mas ainda aos tais cavalheiros que mal o informaram. Só a ignorância, gerada na distância que nos separa, poderia levar *Tiempos Nuevos* a acolher nas suas colunas tão revoltante insulto à C. G. T. portuguesa e à *Batalha*. Estamos certos de que os camaradas que orientam aquele jornal mudariam de opinião se estivessem aqui em Lisboa, perto de nós, e assistissem à obra desses homens que em nome de princípios nobres tão vis acções praticam.

Diz o *Tiempos Nuevos* que a C. G. T. expulsou da sua sede a redacção de *O Anarquista*. É falso, não expulsamos ninguém, porque a redacção do aludido periódico nunca esteve aqui instalada. Apenas esse grupinho duvidoso, por ausência de casa, dava o nosso endereço para a recepção da correspondência e não fazia sentido que as pessoas que nos insultavam ainda se utilizassem da nossa morada para suas conveniências. Por isso, a *Batalha* tornou público que era falso a redacção de *O Anarquista* estar aqui instalada e não consentíamos que ela continuasse, depois de nos invectivar, a abusar do nosso endereço.

Diz ainda o *Tiempos Nuevos* que desde o triunfo da situação militar os elementos da C. G. T. e o seu órgão na imprensa se amoldaram ao governo ditatorial. Se os camaradas que consentiram na publicação desta calúnia seguissem com atenção a orientação de *A Batalha*, não só perante este governo como perante todos os outros, verificaríamos imediatamente que os seus informadores estavam de má fé e não apelaríamos para a solidariedade internacional pedindo-lhe um ruído de protesto contra uma atitude que nem a C. G. T. nem *A Batalha* tomaram afinal.

Não é contra o *Tiempos Nuevos*, mal informado, que nos revoltamos neste momento, é contra as pessoas que, intrigando, mais ainda, conseguiram levar esse jornal, que admiramos e respeitamos, a abrir um conflito de sua grávida consciência. Estamos revoltados contra esses homens que servindo-se do rótulo da União Anarquista — que não representa o sentir dos verdadeiros anarquistas portugueses — estão criando um ambiente derrotista, no momento em que a C. G. T. portuguesa, devido ainda aos maneios desses cavalheiros, está atravessando uma crise perigosa.

Pela província andam presentemente esses detractores da Organização no seu trabalho odioso de intriga e de mentira. Ficam prevenidos os incautos. Nesta ocasião os verdadeiros amigos da Organização não a devem caluniar e enfiar quecer

mas sim criar um ambiente de confiança e de solidariedade dentro do qual seja fácil realizar a grande obra de rejuvenescimento.

Apelamos mais uma vez para a boa vontade dos bons camaradas, daqueles que colocam os interesses do proletariado acima das suas conveniências pessoais, para que não se deixem levar pela corrente derrotista que, a tomar vulto, pode ser fatal para o povo trabalhador.

Se hoje nos referimos tão largamente a este caso não é porque esteja nos nossos propósitos envolvemo-nos em estereis discussões, é porque confiada às nossas mãos a reputação da C. G. T. não faria sentido que nos queássemos calados ao vê-la difamada.

Esperamos que não seja necessário voltar ao assunto. Escudem-se os verdadeiros proletários conscientes no amor à Organização e deixem gritar as suas intrigas e as suas mentiras vergonhosas esses que não de acabar por ficar isolados, bradando no vácuo que estão criando a sua volta.

Notas & Comentários

A especulação comercial

A carestia da vida vai-se acentuando cada vez mais, sem que nada o justifique. O comércio entrou novamente no caminho condável da especulação. Que medidas pensará o governo por em prática para evitar os maneios dos exploradores do povo? Não sabemos. E que fará o povo perante a atitude dos que o roubam sem dó nem consciência? Não o sabemos tampouco. Sabemos apenas que a todos os que trabalham honestamente e não vivem da exploração do labor alheio vai faltando a paciência para aturar tanta ladrocinagem.

O nu integral

Numa praia inglesa, uma mulher despiu-se completamente. Num «cabaret» de Belgrado, ao som lânguido de um tango, uma outra mulher despiu-se e convidou um cavalheiro para bailar. Não o fizeram inconscientemente, nem por desvergonha, mas obediência a uma teoria moderna, que leva a sua origem no Paraíso... Essas mulheres defendem o que actualmente se denomina o nu integral. Quiseram juntar os actos aos pensamentos e levaram a sua sinceridade até ao máximo arrêjo. Foram censuradas — provavelmente pelas outras mulheres que não sendo bonitas, não possuindo tantos encantos para mostrar, não lhes perdoaram aquela atitude tão agradável para os apreciadores entendidos... Se a humanidade não tivesse criado uma moral que contraria a natureza, o lindo gesto dessas mulheres não passaria de uma banalidade. A sociedade em que vivemos criou estes preconceitos e os gestos de beleza vistos através do estreito critério da nossa época tomam um aspecto criminoso que não têm. O nu é a Verdade. E porque somos educados na mentira odeamo-lo. Mais imorais são certos trajes de semi-nudez do que o nu integral. Por isso essa mulher de Belgrado, despiendo-se em nome da estética, em nome da beleza, da higiene e da Verdade foi parar à cadeia. A polícia, defensora da sociedade hipocrita, agrihou a Verdade, prendendo essa mulher.

O novo Manicómio

As gralhas são para quem escreve um dos grandes motivos de arrelia. Há algumas que nos deixam num grande estado de enervamento por matizarem completamente o sentido do que escrevemos. Ainda ontem, no artigo sobre o novo Manicómio se passou um desses casos. Numa das passagens desse artigo lê-se: «Pelo projecto os lambris serão revestidos de azulejos e os pavimentos são assinalados de mosaicos». Ora a verdade é que nós escrevemos: «Pelo projecto os lambris serão revestidos de azulejos e os pavimentos, não assinalados, de mosaicos». Sim, porque há pavimentos que são cobertos de soalho e outros que o são de mosaicos. Mas isto de «assinalar de mosaicos» lembra-nos aquele monólogo de o jovem anão sentado num banco de pau de pedra «calado assim dizia...

O despedimento do pessoal camarário

Uma entrevista do Sindicato do Pessoal do Município

Foi-nos enviada a seguinte nota officiosa: Uma comissão delegada do Sindicato do Pessoal do Município acompanhada pelo secretário de melhoramentos teve ontem uma entrevista com os engenheiros srs. Meleiro e Quirino da Fonseca, respectivamente, chefe da 3.ª Repartição e vogal da comissão administrativa da Câmara Municipal, encarregado do pelouro de engenharia.

O resultado da entrevista, que girou a volta da questão despedimentos, veio confirmar as suspeitas que havia de que os chefes de serviço iam além das ordens que lhes davam para fazer despedimentos. Assim, por exemplo, o sr. Quirino da Fonseca disse à comissão que não tinha autorização que se despedissem operários pelo facto de perderem meio dia, mas sim que se repreendessem, e que os despedimentos que se estão fazendo, se fazem por a Câmara não ter materiais, (com o que a Comissão não concordou). A Comissão tratou ainda da readmissão de alguns operários despedidos.

Lide o Suplemento de «A Batalha»

Os interesses da população da província não são os interesses dos homens da União dos Interesses Escandalosos

A questão da pesca e a ária do nacionalismo cantada em volta dela Uma agremiação antipática a cuidar dos interesses de milhares de pessoas

A questão da pesca tem sido examinada sob dois aspectos: nacional e económico. Em volta do primeiro os próceres luitanos têm feito viva discussão. Em torno do segundo as «forças vivas» começam a distender os seus tentáculos.

Já o dissemos: a origem deste pleito cifra-se no desejo que os espanhóis têm em que o limite das águas jurisdicionais portuguesas, seja fixado em três milhas. Os portugueses por sua vez não abdicam do statu quo: 6 milhas.

Sob o ponto de vista de nacionalismo a razão não está com os portugueses. O mar não pode ser delimitado. O mar é de todos e a riquíssima fauna submarina deve ser distribuída por todos.

Sob o ponto de vista de contratos o caso muda de figura. Ambos os países, Portugal e Espanha, se obrigaram a respeitar um contrato que fixa o limite de águas portuguesas em 6 milhas. Quando os espanhóis se eximirem do cumprimento desse contrato traem a sua palavra, atraçoam um princípio estabelecido.

Só por isso a acção dos espanhóis é condenada por nós. Ela revela uma ausência de respeito mútuo que não se harmoniza com o livre entendimento que nós preconizamos.

Mas dir-se há: os espanhóis pretendem o limite de 3 milhas porque dentro da faixa que vai de 3 a 6 milhas encontram o pescado de que tanto necessitam. O caso aqui reveste outro aspecto. E esse aspecto é o da revogação do contrato.

Veremos agora se aos portugueses convém a revogação do contrato. As populações do litoral têm a sua vida mecanizada pelos produtos colhidos no mar. Da indústria da pesca originou outras indústrias. E estas criaram e mantiveram dezenas de milhar de pessoas. Logo a redução de pescado no litoral traria um grande «desquilíbrio na economia dessas populações».

Diminuída a matéria prima necessariamente que o *chomage* não se faria esperar nos componentes da indústria da pesca e das indústrias suas derivadas. Conclusão: sob o ponto de vista nacionalista há uma grande ausência de justiça no ataque aos pescadores espanhóis. Sob o ponto de vista de princípio estabelecido, o procedimento dos pescadores do país vizinho não é digno do nosso aplauso. Por isso também nestas colunas a obra dos galeões espanhóis e das parelhas tem merecido a crítica devida.

O aspecto económico da questão é o que nos merece mais cuidado. A comissão que

O Suplemento literário de «A Batalha» publica amanhã um interessante número

Alguns dos seus colaboradores já regressaram, depois de liquidado um incidente desagradável

O incidente aberto por alguns indivíduos, nas publicações de *A Batalha*, passou ao âmbito daquelas más recordações que as pessoas de bom senso procuram calcar com uma moral elevada.

Ainda bem que assim acontece. O incidente só deslustraria a organização operária, que nenhuma responsabilidade deve ter pelos actos de certos indivíduos; descreditar *A Batalha* se a sua redacção, sentindo igualmente o insulto, não cuidasse de o repudiarmos energicamente, desafiando os ofendidos, entre os quais se incluía.

E foi no desejo de afirmar a sua solidariedade e para que não triunfassem facilmente os insultadores, a um tempo, das nossas ideias, da organização operária e de pessoas sinceras e idealistas, que os redactores de *A Batalha* se empenharam no regresso dos seus camaradas que justamente se tinham afastado.

Sentiram os nossos colaboradores quanto havia de sinceridade no intento desta redacção. Pouco a pouco vêm, pois, regressando aos seus lugares abandonados — por que poucos sabiam, ou queriam, ou não podiam, entregando-se novamente à sua missão tão digna de respeito como a missão dos militantes operários, que eles igualmente respeitam.

No número de amanhã, o suplemento literário de *A Batalha* traz o nome de Ferreira de Castro a firmar um interessante artigo acerca do *Culto do eufemismo*.

Os redactores de *A Batalha* também firmam vários trabalhos: Mario Domingues descreve a *paixão de António Pescador por uma formosa espanhola na Figueira da Foz*; Cristiano Lima fala-nos das *discórdias do sr. Manuel Bento*.

Outros colaboradores, como Reinaldo Ferreira, voltarão a brilhar na nossa publicação semanal, tão apreciada por um grande público. O esforço da redacção de *A Ba-*

há dias chegou a Lisboa era composta de representantes de todas as forças do Algarve, excepto a principal força, a força vital — o trabalho. Vinham delegados das associações comerciais, industriais e das câmaras municipais. Do operariado, nem um delegado.

Logo a representação era das «forças vivas» e nunca das forças produtoras algarvias. O Algarve que trabalha, o grande agente vital da província não veio a Lisboa. Ficou no Algarve e não se solidarizou com os desejos das «forças vivas».

Os desejos e as necessidades do povo trabalhador algarvio foram expressas na apresentação entregue ao comandante Cabeçadas pela comissão que em Maio veio a Lisboa. Essa comissão, embora não fosse delegada dos sindicatos operários, era, todavia, representante do povo trabalhador da província algarvia.

As suas reclamações foram apresentadas em comícios públicos e aprovadas por unanimidade. E, todavia, nessas reclamações advogavam-se medidas convenientes para a saída desta situação de miséria em que o Algarve se debate.

O governo se quizer ser justo não pode alhear-se desse trabalho da comissão a que nos estamos reportando. Atender apenas aos desejos das «forças vivas» é proceder unilateralmente.

A comissão de representantes das associações comerciais e industriais vai regressar ao Algarve. As suas reclamações obtiveram apenas as promessas do general Carmona. E como as promessas não representam nada a comissão delegou em terceiros a defesa das suas reclamações. Esse terceiro é a União dos Interesses Económicos, essa falida organização (?) em que pulam os Roques da Fonseca, Carlos de Oliveira e João Pereira da Rosa.

A União dos Interesses Económicos fará todo o possível para que os interesses das «forças vivas» se sobreponham aos interesses das forças produtoras algarvias. A União dos Interesses Escandalosos, que tudo emperra e nada resolve, amanhã, diligenciará, por intermédio daquela trindade, para que o governo *salve* o comércio — tadinho dele! — e os interesses do Algarve irão à viola, porque os interesses dumha província não são os interesses dos exploradores da população.

Já sabemos qual a sorte que espera o Algarve: ficar eternamente na miséria enquanto as «forças vivas» manterão a sua opulência.

Batalha foi proveitoso. E' pois, com a mais efusiva alegria que ela abraça os camaradas que regressam com o seu ideal e a sua inteligência em disposição a uma obra verdadeiramente humana.

Além da colaboração referida, o suplemento literário de *A Batalha* é distinguido com artigos de notório interesse. Ladislau Batalha fala do saneamento do meio social e da educação necessária para a salvação das repartições. Arnaldo Brazão trata da proficiência do gravíssimo problema da prostituição regulamentada; Mauro Pena disserta sobre a *Escola Única*; Nogueira de Brito diz-nos como se deve *Orientar*. Além do que se enumera, o suplemento de *A Batalha* recreia-nos com as páginas do *Chico & Zecas* e do *que todos devem saber*, e elucidá-nos com excelentes artigos sobre *A saúde do povo, actualidade internacional e As doenças profissionais*. Por tudo isto se recomenda a leitura do número de amanhã do Suplemento literário de *A Batalha*.

Os donativos para as vitimas do Faial

A Cruz Vermelha Portuguesa recebeu ontem um telegrama da Cruz Vermelha Americana dizendo que, pela grande simpatia que têm pelo povo dos Açores e lamentando a calamidade que acaba de se dar no Faial, subscrevem com cinco mil dólares nos registos da Cruz Vermelha Portuguesa para assim ajudar a socorrer os sobreviventes daquela catástrofe.

Esta importante verba será entregue pelo consul da América no Faial às autoridades da Horta.

A subscrição aberta pela Cruz Vermelha já atingiu a seguinte verba:

Do antecedente, 513\$00; Tomé Coelho,

50\$00; Cruz Vermelha Americana, 97.500\$00.

—Soma 98.063\$00.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Orania» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondência às 9 horas da manhã.

CONTRA A PROSTITUIÇÃO

As medidas tomadas em Leiria são afrontosas da dignidade feminina

«Se a prostituição é uma necessidade social, uma instituição de saúde pública, então os ministros, o prefeito da policia, os altos funcionários, os médicos que a defendem, faltam a todos os deveres não lhes consagrando as suas filhas.»

Josefina BUTTER.

A *Batalha* de 27 de Julho passado publicava uma correspondência de Leiria, assinada por Alves de Freitas, onde se faziam acusações gravíssimas contra as autoridades daquela linda cidade que debruçada sobre o Liz nos oferece encantos de difícil esquecimento.

A pitoresca cidade foi teatro do mais ignóbil ultrage à nossa civilização, uma verdadeira tragédia moral, de que foram vítimas 27 criadas de servir, humildes filhas do povo, sob o pretexto de que a saúde pública perigava, e sacrificadas à vontade omnipotente de qualquer energúmeno.

As autoridades, governador civil, administrador do concelho ou cabo de policia, não importa quem, num acesso de fobia e ódio, mas sob a máscara protectora da saúde pública, obrigaram a sujeitarem-se à vergonhosa revista sanitária 27 criadas de servir, equiparando-as às toleradas que as mesmas autoridades consentem, por meio de pagamento de certos emolumentos a explorar a prostituição.

Jámais em Portugal houve uma tal violência por parte dos representantes dos poderes constituídos. A honra das mulheres, se este triste exemplo frutificasse, estaria nas mãos de qualquer boçal que a força das circunstâncias atirasse para os cargos administrativos.

O acto das autoridades de Leiria têm em si tanto de hediondez que lamentamos não saber os nomes dos autores de tal façanha para os estampar aqui a letras negras, como negra éles têm a alma, e sofrerem o público desdém dos seus contemporâneos e vindouros.

Porque em Leiria lavra o mal venéreo com certa intensidade, se acaso lavra, vá de prender as criadas de servir de que se suspeita estarem atacadas de doenças venéreas e sujeitá-las à vexante revista sanitária.

As autoridades de Leiria, de cérebro tão apocado, não encaram a solução do problema senão sacrificando uma classe de mulheres à sua fúria governativa inadmível mesmo em país de hotentotes.

E' crassa a sua ignorância em matéria de assistência social.

Não estudaram a viabilidade do encerramento dos bordéis, nem criaram facilidades ao tratamento das doenças que da prostituição dimanam.

E' para quê?

Não dão lucros as casas de tolerância e os bordéis?

E se há concorrência desleal é forçar, sob qualquer pretexto, as remissões a abas-

Da representação sobre a censura e a lei de imprensa

Para elucidação do público vamos reproduzir algumas passagens da extensa e brilhante representação que foi entregue ao governo pelos representantes dos sindicatos dos Profissionais da Imprensa, Compositores Tipográficos e Vendedores de jornais e da Federação do Livro e do Jornal, acerca da actual lei de imprensa e do regime da censura prévia:

«O decreto, que pretende estabelecer o regime legal da imprensa, sobre ser atentatório das poucas liberdades conquistadas para a expressão do pensamento, é lesivo dos nossos interesses económicos. Daí a legitimidade do nosso protesto. O direito de viver e de trabalhar não o outorgam as leis nem o Poder, funda-se no Direito Natural e por isso sempre que as leis ou o Poder abusivamente o cerceiam, é lícito reivindicá-lo, digna e altivamente.

O apelo que dirigimos a v. ex.ª não é portanto uma súplica, nem esperamos da sua magnanimidade que o defira — bastam-nos a sua inteligência e o seu espírito de justiça, para termos a certeza de ser atendidos.

Em parte, atendeu o governo de v. ex.ª às reclamações dos directores e proprietários de jornais sobre o decreto 12.008 e a censura prévia. Não é lícito duvidar de que deferirá as nossas, pois o governo a que v. ex.ª preside ainda não marcou até hoje qualquer atitude de hostilidade contra as classes trabalhadoras.

Por isso, afoitamente, vimos dizer a v. ex.ª que o decreto 12.008 é, como obra legislativa, um trabalho inferior e, como acto político, um erro. Mal elaborado, desarmónico, complexo, copiando tudo quanto de péssimo tinham os diplomas anteriores e agravando ainda a sua doutrina, pela adaptação da legislação estrangeira relativa à liberdade da imprensa, introduz disposições novas inteiramente contrárias às normas do direito português e à jurisprudência estabelecida.

Como é sempre tempo de emendar erros, e só pode prestigiar o governo de v. ex.ª fazê-lo, esperamos do seu espírito de justiça que suspenda a execução do decreto 12.008 e, caso não o deseje revogar pura e simplesmente, como seria mister, lhe mande introduzir as modificações necessárias de forma a torná-lo mais justo e exequível.

Pela nossa parte, vamos dizer a v. ex.ª que as disposições do decreto que mais profundamente atingem as nossas classes.

A mais grave lesão de direitos e interesses das classes que representamos está na pena de supressão dos periódicos, comina-da no § 2.º do art. 17.º do decreto 12.008.

Difamar, na vaga definição do Código Penal, é tão fácil, que poucos deixaram de o fazer ao referirem-se a homens públicos, imputando-lhes ou reproduzindo imputa-

ções de factos ofensivos, não já da sua honra, mas da sua simples consideração. Dizer que determinada pessoa é incompetente, afecta a consideração de que goza, é, portanto, difamar. Se um jornal três vezes for condenado por este simples delito, e se-lo há sempre, por força de doutrina que manda julgar os crimes de difamação, calúnia e injúria, pelo tribunal constituído por juizes togados, — é simplesmente suprimido. Porque uma pessoa, — o director do jornal em regra, — previeram ou se supõe que previeram, podem ser condenadas, sem ser ouvidas, sem forma de processo, nem garantia de defesa, centenas de pessoas absolutamente alheias ao delito, que não tiveram conhecimento dele, antes, e muitas vezes mesmo depois, de praticado. A supressão do jornal é a condenação infligida a essas pessoas, por um crime que outrem cometeu, o que contraria o princípio de direito de que a pena nunca deve passar da pessoa do delinqüente.»

Na representação faz-se sentir a irresponsabilidade dos compositores tipográficos e dos vendedores de jornais pelas notícias e críticas neles publicadas e protesta-se contra o critério oposto que a lei estabelece. Depois de criticar igual medida aplicada às casas onde se imprimem jornais analisa a forma de julgar os chamados ou os supostos abusos de liberdade de imprensa.

Sobre a censura a representação é bastante expressiva e categórica, mas temos de passar adiante por estarmos numa situação bastante expressiva e categórica...

Limitamo-nos a reproduzir as conclusões da representação que ontem o *Jornal do Comércio* pôde inserir:

«1.º Que a não ser revogado o decreto 12.038, de 29 de Julho de 1920, seja suspensa a sua execução até que o expunham de tudo que lesa os interesses materiais dos trabalhadores dos jornais, introduzindo-lhe, pelo menos, as seguintes modificações:

a) Eliminação dos §§ 2.º e 3.º do art. 17.º cominando-se embora qualquer pena para os reincidentes, pena que não passe, porém, da pessoa do infractor e não seja de suspensão ou supressão do jornal;

b) Eliminação do art. 29.º, ou da sua parte final que diz «salvo nos casos do art. 10.º etc»;

c) Eliminação da parte final do art. 27.º, que diz «salvo os seguintes, que serão julgados por um tribunal colectivo» e de todos os parágrafos desse artigo, assim como do art. 36.º e mais doutrina respeitante aos tribunais colectivos, de sorte que todos os julgamentos pelos chamados abusos de liberdade de imprensa sejam feitos com intervenção do júri;

d) Substituição da doutrina do art. 30.º e seguintes que se referem à constituição

lecer esses mercados de carne humana que pagam as suas contribuições.

Foi isto que as autoridades da República fizeram em Leiria.

A hospitalização forçada de 17 mulheres, nas condições que se tornaram públicas, foi o melhor serviço prestado às casas de prostituição.

As 17 desgraçadas jámais voltam ao serviço honesto, são apontadas como prostitutas ninguém lhes abrirá a sua porta, só a vida de rameira lhes resta.

E foi contra esta violência, única na história do meretrício em Portugal, que o Congresso Abolicionista protestou aprovando a seguinte moção:

«O Congresso Nacional Abolicionista ao tomar conhecimento do procedimento ilegal e imoral das autoridades de Leiria ordenando a revista sanitária a todas as criadas de servir de que resultou algumas delas serem inscritas coersivamente meretrizes, protesta enérgicamente contra esta exorbitância de poder de que foram vítimas mulheres indefesas e resolve levar ao conhecimento do ex.º ministro do Interior esta arbitrariedade que desonra quem a pratica e deslustra quem a consente.»

E assim foi feito.

Do ministério do Interior pedem informações para Leiria e o governador civil responde nestes termos:

«Foram de facto mandadas comparecer no hospital 27 criadas de servir que se entregavam a prostituição clandestina e que se suspeitava serem portadoras de doenças venéreas. Só criadas de servir publicamente conhecidas como prostitutas foram mandadas comparecer. Dessas 27 raparigas, 17 foram mandadas hospitalizar e apenas 10 se encontram sãs, mas não virgens. Nenhuma foi inscrita como meretriz. Tudo que se afirma no jornal é falso como é descabida a moção do Congresso...»

Era aqui que nós queríamos chegar por ter sido a hora de subscrever a moção.

O sr. governador civil de Leiria, como reu confesso do crime de que é acusado não tem a autoridade para ser juiz e afirmar ser descabida a moção do Congresso Abolicionista que levou ao conhecimento do superior hierárquico (é isto que lhe custa) os seus desmandos praticados numa cidade da província que, recessa, neles consentiu sem o menor protesto.

As pequenas divergências, só nos detalhes, entre as palavras da moção e as do officio do sr. governador civil de Leiria, não diminuem a gravidade do facto nem a responsabilidade criminal que a sua ex.ª se queira assacar porque caiu sob a alçada da lei de 14 de Fevereiro de 1907.

O que foi agora praticado é matéria mais que suficiente para ser demitido pelo menos.

E se analisarmos bem o officio citado devemos confessar, a resposta dada ao ministro do Interior foi infeliz, própria de uma autoridade cuja consciência o acusa de ter prevaricado.

Mas adiante.

Arnaldo BRAZÃO

Médico

do júri por outra mais equitativa e consentânea com os princípios do direito português, prevenindo-se a hipótese de virem a fazer parte do júri pessoas analfabetas;

c) Substituição da pena acessória de suspensão dos jornais, cominada nos §§ 7.º e 8.º do art. 53.º e § 2.º do art. 54.º, por outra ou outras, que não afectem as pessoas que não são responsáveis pelas infracções nesses parágrafos previstos;

2.º Que a não ser extinta a censura prévia, ao menos o governo proceda de forma a que a comissão de censura militar:

a) fique inibida de suspender e suprimir jornais;

b) limite a sua acção, como a princípio foi anunciada, àquelas notícias de alcance político, não censurando o noticiário do estrangeiro, de ruas e das províncias, nem os artigos e entrevistas que não contenham matéria política.

c) censure, por uma vez, as provas que lhe são enviadas, para evitar a inconsequência de eliminar a horas tardias matérias.

História Universal do Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na casa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1930, pelo correio, registado, 160.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Esparta;
- 3.º — Abolición de la esclavitud;
- 4.º — Abyección y Servidumbre;
- 5.º — La revolución de los señores;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad ilusoria;
- 11.º — La agonía del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guillotina;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa.

Sempre as armas de fogo

No Banco do Hospital de S. José foram pensados e seguiram depois para casa, Joaquim Roque Veiga, de 13 anos, natural de Coimbra, residente no quartel do Beato, e que, no Casal do Forno em Montachique, tendo-se disparado uma flautinha de que era portador, foi a carga atingi-lo no pé direito, e Manuel Rodrigues, de 27 anos, natural e residente na Vala do Carregado marítimo e que, quando no Carregado, andava a caça, a arma rebentou, indo a carga atingi-lo na mão esquerda.

A Universidade Livre e as bibliotecas dos jardins

Reabriu a biblioteca do Jardim França Borges na Praça do Rio de Janeiro ficando assim patente ao público todos os dias, das 12 às 19 podendo ser utilizados os seus 400 volumes para leitura absolutamente gratuita.

Funcionam igualmente e às mesmas horas as restantes bibliotecas que a Universidade Livre instalou nos jardins:

São Pedro de Alcântara, Campo Grande, Santa Clara, Campo de Santana e Estrela.

TIVOLI

TELEFONE N. 5474

Matinée às 3 horas — Soirée às 9

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

Amor Pátrio

Episódio dramático em dez partes, da Guerra da Independência da América, com LIONEL BARRYMORE

— Encenação de D. W. GRIFFITH

O que querem as esposas

Comédia-drama em cinco partes, com ETHEL GREY TERRY e RAMSEY WALLACE

REVISTA MUNDIAL

Amanhã:

O GAVIÃO

com Sylvio de Pedrelli

Cativante amabilidade...

No Banco do Hospital de S. José, receberam curativo Acácio Pereira, de 22 anos, natural de Braga, empregado no comércio, rua das Mercês, E. A. rez-do-chão que, perto da residência, foi ferido com uma espadadeira na cabeça, e Carlos de Almeida Alexandre, de 26 anos, vendedor do mercado agrícola da Praça da Figueira, residente na rua da Cruz da Carreira, 41, 3.º, que, na rua da Betesga, foi ferido com uma espadadeira nas costas. Depois de pensados seguiram para o Governo Civil.

OS QUE MORREM

Manuel de Campos Costa

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral do desditoso camarada Manuel de Campos Costa, componente do quadro do *Diário da Tarde*, saindo o préstito fúnebre do Hospital de São José para o cemitério do Lumiar. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Estrela Machado. O quadro tipográfico condia todos os colegas a incorporarem-se no funeral.

AGREMIACÕES VARIAS

Centro Libertário do Porto. — A comissão administrativa deste Centro resolveu, na sua última reunião, sair por intermédio de *A Batalha* a ilustre professora D. Vitória Pais, pela nobre e desassombrada atitude que tomou no Congresso Pedagógico da União dos Professores Primários de Portugal, contra o ensino religioso nas escolas.

O conflito do "Correio da Manhã"

Continua a empresa deste jornal a justificar-se da atitude que tomou ante o gesto digno do respectivo quadro, e que depois dos factos ocorridos nas últimas 48 horas, já não tem razão de ser, a menos que seja alimentado por um capricho ou intuíto reservados.

Para se colocar numa situação airosa, alonga-se em explicações detalhadas sobre a vida interna do jornal, mas fá-lo tão parcialmente que deturpa a verdade em todas as coisas.

Refere-se ao facto do jornal perder os comboios, mas esqueceu-se de esclarecer que as culpas são totalmente da casa de impressão e não do quadro, pois no pior dos casos, isto é, nos dias de dobra — só sucedeu em duas ocasiões — estava pronto às 3 horas. De resto, entre as 2 e 2,30 estava o trabalho de tipografia concluído.

Quanto à alusão da empreitada, também é relatada de forma diferente ao que se passou, porquanto, o chefe de então declarou logo muito categoricamente, à direcção do mesmo jornal, que o alvitre, além de ser assaz problemático nos resultados, não era aceite pelo pessoal.

Sobre as chamadas «dobras» igualmente se esconde a verdade porque o facto de elas se darem foi devido à empresa não haver cumprido com o orçamento apresentado pelo chefe, e s. ex.ª sabem-no muito bem.

Relata ainda a empresa parte da entrevista que a direcção do Sindicato dos Compositores teve com o seu director, mas não diz que o conflito era motivado pela nomeação do chefe Alfredo Marques, e que desde que ele não cheiasse o quadro imediatamente cessava o conflito.

Ora este senhor já desistiu da sua pretensão, e contudo a empresa continua na mesma atitude intransigente, o que ninguém pode refutar razoavelmente porque desde que desaparecia a causa cessava o efeito.

Não esquece, pois, esta direcção as referências elogiosas que o sr. director da empresa fez do quadro e as promessas que firmou com a sua palavra de honra.

Como se vê a responsabilidade não cabe ao quadro. E por isso, mais uma vez, se previnem todos os compositores de que não devem aceitar qualquer compromisso de trabalho para este jornal.

A direcção do Sindicato dos Compositores.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

- 1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;
- 2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado, para a luta pelo desaparecimento do capitalismo, e a posse de todos os meios de produção;
- 3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum internacionalização, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ida Stichini-Alexandre Azevedo

A representação da comédia em 3 actos de *Ruiz Galdós* e *Robert Spitzer*, tradução de *Maria de Sotto Mayor* e *Carlos Abreu*

Se eu quisesse...

Nos primaciais papeis:

Germana — Ida Stichini, Marcela — Albertina de Oliveira, Luisa — Maria Emilia, Filipe — Alexandre Azevedo, Berthier — Raúl de Carvalho, Panton — Luís Pinto, René — Octávio Brandão.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha, 1900

O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha, 1900

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva, 1900

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar, 1900

A Humanidade, por Taraf Javol, 1900

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin, 2900

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchof, 2900

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva, 2950

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas, 3900

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia, 3950

A Filologia perante a História, por Nobre França, 5900

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — *Empresa Literária Fluminense, Limit.* — R. dos Retiroiros, 125 — LISBOA

A' venda na administração de *A Batalha*.

A BATALHA salvar-se há se o proletariado quizer

O proletariado, a despeito, da enorme crise de trabalho que atravessa, não se tem esquecido do seu órgão na imprensa. O seu auxílio tem-se feito sentir e as importâncias recebidas já vão além de cinco contos. Num país pobre, onde o povo trabalhador não ganha para comer estes cinco contos que *A Batalha* já recebeu representam sangue, constituem um sacrifício muito grande que só nós podemos avaliar.

Mas *A Batalha* não pode desaparecer. A sua existência é absolutamente indispensável. E o operariado bem o sabe. Não abandona, por isso, o seu órgão na imprensa. Continua prestando o seu auxílio à *Batalha*.

A Batalha tem de salvar-se. Isso depende inteiramente do povo trabalhador. Basta que se empenhe em mantê-la, já contribuindo para a sua grande subscrição, já comprando-a e divulgando-a!

Cada leitor deste jornal deve ser um seu propagandista. Se cada um dos nossos leitores e assinantes conseguisse arranjar outro leitor e assinante a *Batalha* salvar-se-ia.

Transporte

João Moraes	4978551
José Nascimento Pechardo	5500
Um comunista do Porto	2500
Francisco Dias	2500
José Jesus Nogueira	5500
Manuel da Silva Pinto	5500
Alfredo Soares	5500
João Mendes Amaral	2550
Quele em Vieira de Leiriz	2550
Angusto Gonçalves	2550
João Rigueira	2550
Américo Fernandes	3500
Manuel Cunha Feteira	5500
António Cunha Feteira	2550
Francisco Tomé Feteira	25500
Produto dum festa	49550

Quele na Moita do Ribatejo:

Francisco Jurado	2500
Luís Simões	2550
Anónimo	5500
José Santos Graúdo	3500
Manuel Marques da Silva	1500

Quele aberta em Aguas Santas:

Serafim da S. Pesequeira	10500
Manuel S. Azevedo	10500
Domingos F. Vinhas (Sobrinho)	10500
Avelino Martins	7550
Américo S. Azevedo	5500
Bruno S. Ramalho	5500
Manuel da Silva	5500
Camilo M. dos Santos	2550
Laurindo D. Pinto	2550
Alexandre S. Azevedo	5500
Eduardo Ferreira Junior	1500
Sérgio Augusto	2550
Alfredo Jesus de Almeida	2550
Francisco Mira Barreiras	2550
Benjamin Vicente	1500
Francisco José Vieira	8500
Domingos Piloto	1500
José Teles de Sousa	2550
Gregório de Oliveira Barroco	2550
António Pedro Barreiros	2550
Artur Alberto Betencourt	2550
Francisco Lopo	2550
José Joaquim Cunha	2550
António Gonçalves Pina	1500
Isidoro Rodrigues Loureiro	2550
António Maria Queirós	1500
Carlos Cabeça Padão	1500
Gregório de Sousa Ramos	1500
Bernardino da Cruz Curado	1500
Eduardo de Almeida	2500
Manuel José	1500
Francisco Lobato	1500
Ernesto Lapa	1500
Luís Vieira	1500
Guilherme Nunes	1500
António Caetano de Oliveira	1500
Ilídio Martins	2550
Manuel Bacalhau	550
Henrique Jorge	550
Manuel Figueira Guerra	1500
Índio Saúde	1500
Mateus Saraiva	550
Júlio da Costa Brandão	2550
José Maria Graça	1500
António Marques da Costa	1500
Manuel Martins Plena	1500
António Carvalho	1500
Leonildo Correia	1500
João Raimundo	1500
Miguel Ferro	550
António Martins	2500
António Inácio Veiga	1500
José Rodrigues	1500
António Duarte	1500
João Luís de Almeida	2550
Luís da Fonseca	1500
José Luís da Palma	550
João Ribeiro	550
José Luís Correia	1500
Maximino Nascimento	1500
António Alves	1500
Guilherme Filipe	1500
António Sobral	550
Jaime Ferreira	2550
António Cardoso	1500
José Guilherme Bravo	550
Renato Pinho	1550
João José Guilherme	1500
Estevão António Nunes	1500
João Gomes	550
André Castro Junior	1500
João Domingos	1500
João António Godinho	1500
João Gomes Veríssimo	1500
Hermenegildo José Pardo	1500
António Correia Bento da Cruz	1500
João Baptista	1500
Mateus Leal Moreno	1500
Manuel Mira Barreiros	1500
António Maurício	1500
Ilídio Alves Rodrigues	2550
Francisco António Rosa	2550

Feira de beneficência

A comissão organizadora destas festas, cujo produto reverte a favor dos cofres da Cantina e Lactário da Freguesia de São José e que com tanto brilhantismo, se estão realizando no jardim das suas sedes, na Avenida da Liberdade, junto ao Tivoli, organizou para hoje à noite um magnífico e artístico espectáculo, que deve atrair ali uma enorme concorrência de público. Além do aplaudido grupo «Os Peixinhos», do qual faz parte a insinuante atriz D. Lucinda Gonçalves, dignam-se abalhoar o espectáculo desta noite, o magnífico barítono Isidoro Gomes, o querido actor Manuel Guerra, o apreciado cómico Daniel Pereira e os distintos artistas D. Ema Orlando e Constantino de Carvalho. Haverá também um gracioso intermédio cómico pelos aplaudidos «clowns» Fred e Tony e um match de «Box» entre os pugilistas amadores Manuel e Ramiro Piqueiro. A entrada custará apenas um escudo.

TEATRO SALAO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9, 15 h.

Em pleno êxito

JULIA DE ISLA

Notável e distinta cancionista

Clara Carbonell

Elegante e «castiza» bailarina

FOZ MELODY BAND

O melhor orquestra de jazz

PREÇOS POPULARES

Superior, 2500; Plateia ou Balcão, 5000; Camarotes, 15000; Frisas, 20000; Convites, 1500 e 4500.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas	550
O sentido em que somos anarquistas	550
A peste religiosa	550
A Liberdade	550
A Internacional (música e letra)	550

Pedidos à BATALHA ou no Café do Sodrê, 82

História de um capitão de navio que apenas sabe perseguir a tripulação

O sr. José Furtado Palmeira anda arvorado em capitão do vapor pesqueiro *Bom Futuro*, sob a benevolência da capitania. Este cavalheiro não possui a menor competência profissional nem uma sólida probidade, tendo sido moço praticante até se guindar ao comando do navio.

Não possuindo uma visão lúcida da sua função, nem um raciocínio seguro, o sr. Palmeira ameaça de graves riscos toda a tripulação do navio, riscos que a sua incompetência torna possíveis e indefensáveis.

O seu desconhecimento dos assuntos de navegação aumenta com o seu desleixo, indo ao exaço bem censurável de tornar a ponte de navegação — que para mais nada deve servir, no interesse da segurança do navio — o seu quarto de dormir.

Há um episódio que revela a incapacidade do arvorado capitão. Indo o *Bom Futuro* a navegar com altura de 300 braças, com rumo ao fundeadouro de Sesimbra, avistou um navio dirigindo-se ao sul; pois o famoso comandante, a oito milhas de distância, fez parar o seu navio, só retomando a rota quando o outro lhe deu a popa. Faz isto sempre que avista um barco, em vez de procurar bordo a seguir. Nem, ao menos, sabe dirigir o navio aos pesqueiros, gastando tempo e esforços a sondar os fundos, sempre que se quer chegar aos pesqueiros.

Este capitão, que não sabe dirigir a mais simples manobra, é um furioso perseguidor de tripulantes que sabem do seu ofício. Há dias, saiu de Lisboa, rumo ao pesqueiro de Sadaíbio, a 11 milhas da Guia. Ao passar, porém, a Guia, foi deitar-se, abandonando a ponte, e não mais se interessou pelo navio.

O marinheiro de vigia notou que se navegava muito além da distância necessária, e tendo o navio demandado o pesqueiro sem que alguém aparecesse, visto que, ao abandonar o porto, não avisou o contra-mestre, António Augusto de Oliveira, ao qual o vigia lhe chamou.

O contra-mestre ergueu-se do seu leito e dirigiu-se para a ponte de navegação. O mestre do navio, porém, chamou o capitão, não deixando de o censurar, respondendo-lhe o Palmeira que tinha adormecido sem querer. Ia-se já a 14 milhas além do pesqueiro.

Como se não bastasse a sua incompetência, o capitão Palmeira foi autuado o contra-mestre por ferir, à sua ordem, admitido dois marinheiros para completar a tripulação. E pertence este capitão a uma Liga de Oficiais de Marinha Mercante, onde deve haver pessoas competentes que se envergonhariam da sua companhia.

TEATROS

Ponto de reunião da gente boa da capital, «rendez-vous» das mulheres bonitas da nossa terra, centro elegante das nossas encantadoras meninas, lugar para famílias de reputação e bom gosto, passatempo agradável de homens cultos, inteligentes, descomplicados, é presentemente o Teatro Nacional, com todas as suas tradições revividas, com todo o esplendor do seu passado brilhante, dirigido por dois ilustres artistas lida Stichini e Alexandre de Azevedo, tendo em cena «Se eu quisesse...» que é a mais linda comédia dos últimos vinte anos, o mais notável sucesso da actualidade e o grande acontecimento teatral desta temporada naquela casa de espectáculo.

Estão actualmente trabalhando no Foz, em «matinées» e «soirées» duas artistas espanholas: Clarita Carbonell, que, tanto nos bailados «castizos», como nas danças internacionais, é delirantemente aplaudida, e Júlia de Isla que canta maravilhosamente o seu repertório de canções e «couplets» do seu país. Estes espectáculos, que são os mais baratos de Lisboa, abrem sempre com um esplêndido «film».

Feira de beneficência

A comissão organizadora destas festas, cujo produto reverte a favor dos cofres da Cantina e Lactário da Freguesia de São José e que com tanto brilhantismo, se estão realizando no jardim das suas sedes, na Avenida da Liberdade, junto ao Tivoli, organizou para hoje à noite um magnífico e artístico espectáculo, que deve atrair ali uma enorme concorrência de público. Além do aplaudido grupo «Os Peixinhos», do qual faz parte a insinuante atriz D. Lucinda Gonçalves, dignam-se abalhoar o espectáculo desta noite, o magnífico barítono Isidoro Gomes, o querido actor Manuel Guerra, o apreciado cómico Daniel Pereira e os distintos artistas D. Ema Orlando e Constantino de Carvalho. Haverá também um gracioso intermédio cómico pelos aplaudidos «clowns» Fred e Tony e um match de «Box» entre os pugilistas amadores Manuel e Ramiro Piqueiro. A entrada custará apenas um escudo.

TEATRO SALAO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9, 15 h.

Em pleno êxito

JULIA DE ISLA

Notável e distinta cancionista

Clara Carbonell

Elegante e «castiza» bailarina

FOZ MELODY BAND

O melhor orquestra de jazz

PREÇOS POPULARES

Superior, 2500; Plateia ou Balcão, 5000; Camarotes, 15000; Frisas, 20000; Convites, 1500 e 4500.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DE —

Julio Quintin

2.ª Edição — Escudos 8500

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

LER E ASSINAR

"Os Mistérios do Povo"

Os conimbricenses residentes em Lisboa vão fundar um grémio

Os conimbricenses residentes em Lisboa andam altamente empenhados em criar na capital um grémio defensor dos seus interesses. A ideia, na verdade, é interessante, mas não tem podido ser materializada em virtude do número de adesões ainda ser insuficiente.

Todavia alguns dos mais entusiastas conimbricenses não desistem dos seus propósitos. E como início dessa grande obra a realizar, numa reunião recentemente efectuada, acabam de fundar o «Grupo Excursionista de Propaganda de Coimbra», que no próximo ano promoverá uma excursão àquela cidade.

Foram nomeados para a comissão executiva deste grupo os seguintes conimbricenses: António Tavares, presidente; José Alves Garcia, secretário; António Dias Raimundo, tesoureiro.

Toda a correspondência para este grupo deve ser dirigida a António Dias Raimundo, rua Alves Correia, 44, Lisboa.

Por causa do bagaço ficou um operário com o crâneo fracturado

Na Fábrica que a Companhia União Fabril possui no Barreiro emprega-se, há cerca de 3 anos, como operário na secção da fabricação de azeite, Camilo de Jesus, de 26 anos, natural de Cantanhede e residente no Lavradio. Ontem, de manhã, quando o Camilo se encontrava na fábrica entregue à sua faina, apareceu ali o ajudante do encarregado da secção, José dos Santos, que o mandou encher um aparelho de bagaço. Como este não tivesse sido prontamente obedecido, deu-lhe origem a que entre os dois houvesse uma pequena troca de palavras, que acabaram por o José agredir o operário com um ferro na cabeça, fracturando-lhe o crâneo.

Acudiram ao ferido os companheiros de trabalho que o conduziram ao posto de socorros da mesma fábrica, sendo-lhe ali ministrados os primeiros socorros pelo dr. Pacheco e vindo em seguida para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao hospital de S. José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, Dr. Mac Brio, recolhendo depois à Sala de Observações.

O agressor foi preso.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, «IDEÁRIO», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação Libertária — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensayos Filosóficos — Interiores — Ideias Iconoclastas — Moral — Temis sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$000 — Pelo correio 16\$500

Pedidos à Administração de «A BATALHA»

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Comércio, 38-2.º

DESPORTOS

FUTEBOL

Realiza-se hoje uma festa desportiva, no Campo da Companhia Industrial Portugal e Colónias, rua Rodrigues Faria, ao Calvário, em homenagem ao Lusitano Sporting Club, jogando às 14 horas a 1.ª Categoria de Vendedores de Jornais Foot Ball Club contra o Rio Stco Sporting Club para a disputa duma linda estatuetta; às 16 joga a 1.ª categoria do Sporting Club Intendente contra a 1.ª categoria do Lusitano Sporting Club para a disputa duma estatuetta; às 13 horas, grande desafio no qual será disputada a Taça Carlos Canuto entre o onze de Belém composto exclusivamente da 1.ª categoria de «Os Belenenses» e o onze alcançarense composto exclusivamente da 1.ª categoria do Carcavelhinos Foot Ball Club.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 600.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 600.

A' venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em fascículo, o decreto 3556, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço actual de 450.

Aos assinantes que desejem adquirir quantidade far-se-á um abono de 30 por cento em parcelas de 30 libras.

Pedidos a administração de *A BATALHA*

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo	Sebastião Faure	10500
La Revolución Social en Francia	Miguel Bakunine (2 volumes)	20500
Cartas a uma mulher sobre la anarquia	Luiz Fábri	2550
La Ukrania revolucionária	Agustín Soucy	1950
Anarquismo y organización	Rodolfo Rocker	1500
Entre campesinos	E. Malatesta	1500
En Ukrania	Rudenko	1500
Miguel Bakunine	J. Guillaume	1500
Los anarquistas	(Estudio e replicación)	5500
Errico Malatesta	Max Nettlau	6500
Artistas y Rebeldes	R. Rocker	9500
Nicolas	Romain Rolland	4500
Soviet o Dictadura?	Varin	1550
El Estado moderno	Kropotkin	5500
Dictadura y Revolución	Luiz Fábri	10500
Bolshevismo y Anarquismo	Rodolfo Rocker	1500
Problemas universitários	Leão O. Leno	1500
La Revolución	José Torralvo	1500
Dios y el Estado	M. Bakunine	3500
Páginas seletas	Multatuli	3500
Ensayos y Conferencias	Pedro Gori	3500
Dos años en Rusia	E. Goldman	2500
José Torralvo	— La Revolución	1550
León O. Leno	— Problemas universitários	

noé, cuja recordação ainda hoje me faz rebentar as lágrimas, quando penso no seu suicídio e no de Beria de Plouernel.

A esta legenda juntarei as reliquias da nossa família, aumentada com o *martelo de ferro* deixado por Tankerû.

Da morte de Luis XIV deve sem dúvida resultar o fim, ou, pelos menos, a suavisação das perseguições religiosas... Milhares de protestantes banidos de França vão certamente poder voltar a pátria... Eu não terei a fortuna de tornar a ver a minha querida pátria, pois me sinto já muito enfraquecido pelos anos para fazer essa viagem. Mas se tu, meu filho, mais feliz do que eu, tornareis a ver o berço da nossa raça, nunca esqueças que a nossa família tem tudo a temer da companhia de Jesus, cuja influência vai sempre crescendo em todos os países.

Se tu não tiveres filhos a quem transmitas a nossa legenda, legá-la has a um dos dois ramos da nossa família ainda existentes. O primeiro é o dos Rennepont, cujo avô desposou, na Rochela, nos fins do século XVI, a filha do armeiro Odelin, filho do impressor Cristiano. Há muitos anos que não tenho notícias deste ramo da nossa família. Tira informações na Rochela, onde viveram até ao fim do século passado. O outro ramo da nossa família é o dos Gerolstein, príncipes soberanos na Alemanha, fieis à religião protestante, desde que ela foi abraçada pelo príncipe Karl de Gerolstein, o amigo de Coligny, que combateu na Rocha Bela ao lado de nosso avô Odelin, o armeiro da Rochela. E' portanto aos Gerolstein ou aos Rennepont que deverás legar as nossas legendas e reliquias, se nenhum filho te prolongar a raça. Com estas legendas lego à nossa descendência o ódio à Igreja e a tirania de reis e senhores.

Eu, Saluân Lebreun, acabo de escrever isto em Amsterdam, a 17 de Novembro de 1715, anno da morte de Luis XIV, o infame rei de França.

.....

Eu, João Lebreun, filho de Romão, que teve por



INTERESSES DE CLASSE

Os modernos encarregados das oficinas tipográficas dos jornais

Há já bastante tempo que a classe dos compositores tipográficos está em tréguas com os patrões. Não é porque a classe não tenha muitas e importantes reclamações a apresentar, mas sim porque motivos de vária ordem têm impedido dar-lhes andamento. Um e o principal motivo tem sido os frequentes conflitos que ultimamente se vêm dando com alguns encarregados das oficinas dos jornais e os respectivos quadros: tem sido uma coisa verdadeiramente pavorosa. Qualquer aventureiro se sente com competência para desempenhar as funções de dirigente, esquecendo-se do verdadeiro papel que lhe é atribuído.

Os modernos encarregados, para fazer jus aos elevados salários que auferem, fazem toda a casta de tranquiernias, em prejuízo dos caixistas, que se se fossem a numerar quasi ninguém acreditaria. Chegou-se ao ponto de tais indivíduos negarem trabalho a operários seus colegas, que outro defeito não têm senão o de serem bons oficiais, cumpridores dos seus deveres e sempre prontos a defenderem o bom nome da sua classe.

Esta categoria de operários é considerada a sombra negra dos modernos algozes a quais têm receio que lhes tirem a «papa», e, cegos com esta impressão, trípudiam e indisciplinam só para fazer acreditar aos patrões que são uns excelentes e zelosos empregados de confiança. E, afinal, os patrões não vêem os benefícios das constantes contendas que se dão dentro das suas oficinas. Pelo menos não nos consta que de qualquer dos conflitos havidos entre os encarregados e os quadros tenham resultado o qualquer vantagens, quer em produção, quer em economias para o patrão.

Em parte, os culpados da existência destes modernos liters são os próprios quadros tipográficos, e até mesmo a classe, porque não sabem ou não querem escolher, embora de acordo com as empresas, os indivíduos que devem dirigir o seu trabalho e não as suas pessoas. Se, quando apparecesse qualquer indivíduo dizendo que estava incumbido de organizar um quadro, não houvesse quem se puzesse logo à sua disposição, quem se tratasse de se informar junto do seu sindicato se poderia trabalhar com o novo aspirante a roceiro, talvez que se evitassem muitos dos conflitos que se têm dado.

E' certo que a maioria dos indivíduos que se têm guindado às alturas de encarregados é constituída pelos tais que costumavam considerar «caras direitas». Como caixistas eram bons colegas, não só porque «miavam» contra as immoralidades, mas ainda porque tinham prazer em acompanhar determinados colegas nas visitas que faziam a certas «capelas». Ora succede que, infelizmente, muitos indivíduos há que não têm a mais pequena noção do que seja psicologia e deixam-se ir no logro, nunca supondo que aquele que ontem consigo confraternizava era capaz de o prejudicar hoje. Outros há também que de antemão juram fidelidade ao agente do patrão para se «ageterem». Destas criaturas é que os encarregados modernos, salvo raríssimas excepções, se fazem rodear para levarem a água ao seu moinho. Podem berrar, barufestear e até cometer faltas porque o encarregado nada lhes dirá, pois tem a certeza que não «morderão» na sua pessoa.

Com esta espécie de «esteios» tem o resto da classe de acabar para então iniciar o ataque à casta que se criou para tornar mais pesada a nossa rude tarefa de trabalhadores. Será possível? Querera a classe meter ombros à empresa? — M. L.

Os manipuladores de pão reclamam o trabalho diurno

PORTO, 3. — Desde há muito que a classe dos manipuladores de pão, uma das mais sacrificadas, vem alimentando o desejo de substituir o trabalho nocturno.

Esta aspiração, quanto a nós, tem tanto de justo como de humanitário, tanto mais que o trabalho diurno, tal qual os manipuladores o desejam, não é tão exaustivo e extenuante.

Assim o compreenderam e com muita razão, todos os manipuladores, e por isso a assembleia geral convocada pelo Sindicato foi extraordinariamente concorrida.

Nessa importante reunião fizeram uso da palavra, entre outros camaradas, os componentes da Indústria Alberto Gomes, Adelino Vilaça, Bento Mendes da Costa, e todos se exprimiram em considerações de ordem moral e material, considerações que a classe apoiou unanimemente e que se resumem em a Associação officiar imediatamente à classe dos industriais expondo-lhes os motivos das suas pretensões e a vantagem que do trabalho diurno advém não só para os manipuladores, como até propriamente para o público consumidor.

E' tão lógica a razão que assiste aos trabalhadores de padaria, que a ela nos associamos, convictos do direito que lhes assiste.

Nesta magna assembleia foi também apresentada, por António Ventura Cardoso, uma proposta no sentido de a classe dar a sua adesão à Federação do Ramo de Alimentação, o que foi plenamente aprovado.

Ainda a Caixa de Solidariedade indispensável ao pessoal das oficinas da G. P.

Além dos argumentos aduzidos em defesa da constituição da Caixa de Solidariedade dos perseguidos e demittidos da C. P., ainda existe a circunstância de esse órgão representar amanhã o principal elemento de congregação de esforços entre as centenas de trabalhadores escravizados ao despotismo da referida empresa.

O que actualmente se verifica entre o pessoal, o seu desmoroamento, simplesmente se deve attribuir à falta de apoio na defesa dos seus interesses esmagados.

A situação especial que lhe foi criada, conjugada com a falta de solidariedade do organismo que deveria interessar-se devidamente pela sua situação; um pouco de desânimo e a falta de iniciativa dos alvejados, é que deu origem às actuais condições morais já pormenorizadamente explanadas nos artigos anteriores.

Há, porém, que despertar o espírito de solidariedade desses ferroviários. A caixa de solidariedade faria reviver a alma ené-

CARTA DE LOURENÇO MARQUES

Diz-se do escândalo das cambiais e de como Azevedo Coutinho transferiu para a metrópole 1.000 contos de «economias»

LOURENÇO MARQUES, 10 de Agosto. — Lavra um escândalo formidável baseado nas irregularidades que se atribuem ao Conselho na distribuição das cambiais do Estado.

No Conselho Legislativo foi a questão levantada pelo vogal representante da Associação de Fomento. Não havendo liberdade de imprensa porque continuam perseguidos os jornalistas que fizeram oposição vigorosa, activa e justa aos desmandos do «Nero», de vez em quando surgem nas ruas panfletos anónimos, agitando grandes verdades.

Isso tem posto em sobressalto as autoridades estreitamente ligadas, politica e administrativamente, às responsabilidades que esmagam Vítor Hugo: o facto tem feito espumar a imprensa de balcão, a mais vil e mais abjecta imprensa que em terras portuguesas se alugou algum dia, bitolando compradores e vendidos pela mesma lama infecta do impudor, da baixaria, da desvergonha.

Uns e outros querem saber quem atrai para a rua com os panfletos purificadores. Das verdades que eles dizem, não se cura; o que se pretende é conhecer os autores, para aniquilá-los e democraticamente serem arrastados às lobregas prisões onde tantos inocentes e tantas vítimas sublimas, Azevedo Coutinho e os seus bufos fizeram sofrer semanas e meses.

E Severino Patilhas, o mais torvo inquisidor que medrou em democracia, empoeirado na Secretaria do Interior e como tal tendo a seus pés uma política maleável, ameaçava de punhos erguidos e olhar incendiado as sombras invisíveis que lhe toldavam a digestão e se escapavam à sua fúria cruel.

E o Conselho Legislativo, moldado pelo espírito de Azevedo Coutinho, entendia que «sim, senhor, se devia dar caça sem tréguas aos que, não podendo agir livremente, exercendo o livre direito do pensamento, se atreviam a perturbar a comilança dos deuses».

Fantástico, não é?

Há um depoimento num processo que dorme o sono dos justos no 1.º officio do juizo criminal de Lourenço Marques. Esse depoimento relata factos, declina nomes.

Acusa autoridades de categoria superior, agita escândalos, sobre distribuição de cambiais, de fazer erguer as pedras das calçadas.

Mas não é tudo. Azevedo Coutinho safu de Lourenço Marques para não mais voltar. Sabia isso embora jesuiticamente se pavoneasse como todo poderoso na Travessa da Agua de Flor e portanto ladado para regressar aos seus altíssimos destinos, à sua patridica missão de Mocambique; mas, nem por alardear que voltaria, quis deixar num cofre forte em depósito bancário, as migalhas que pelo continente negro foi transformando em pó de meia.

De modo que, aos escândalos attribuidos a

gica e decidida dos antigos operários da Companhia Portuguesa.

Ela seria como que o eixo duma grande máquina, cujas engrenagens, numa continua e equilibrada conjugação, movimentariam toda a classe.

Os seus efeitos começariam a fazer-se sentir pelo auxilio prestado aos que fossem atingidos pela Companhia e o receio que actualmente existe desapareceria lentamente, até todos readquirirem a posição que outrora, pelo seu esforço e actividade, disfrutaram dentro da organização.

Como consequência desse eficaz resultado, a resistência à opressão iniciara-se logicamente, fazendo abrandar o impeto dos tiranos. Porque é necessário que todos se convençam que quanto maior resignação se mostrar perante a opressão, mais forte esta se apresenta, intensificando dia a dia a sua nefasta acção. Pelo contrario, se uma barreira for estabelecida à sua obra devastadora, certo é que os seus golpes já não produzem feridas tão profundas, e ante a resistência organizada da classe o povo atinge, sente-se enfraquecer, para dar lugar a uma attitude mais humana.

E perante as violências de que o pessoal das oficinas da Companhia Portuguesa é vítima, há que formar essa muralha, cujo principal alicerce seria a Caixa de Solidariedade.

Que os interessados pensem bem nisto e se decidam a defender com proficuos resultados as suas regalias, coadiuvados por quem de direito e como dever de solidariedade que não poderá ser negada.

Comissão Organizadora do Congresso dos Operários do Ramo da Alimentação

Reúne esta comissão para apreciar um officio da Federação Vinícola para esta comissão se fazer representar numa reunião em conjunto das Federações Vinícola, de Conservas e Corticeira, tendo resolvido aceder ao convite.

Foram também apreciados alguns trabalhos para serem presentes ao congresso que se realiza no próximo mês de Outubro, sendo deliberado convidar os sindicatos aderentes para que enviem o mais breve possível a comissão organizadora os trabalhos que tencionam levar ao congresso para serem apreciados e publicados em «A Batalha».

Outrossim resolveu pedir a todos os sindicatos que ainda não enviaram a nota da sua população associativa, a fazerem-no com a máxima urgência, para não protelarem os trabalhos desta comissão.

Toda a correspondência deve ser endereçada para a Calçada Castelo Branco Sarai-va, 42, 1.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

ao Conselho de Cambios, vem agora juntar-se mais um, e bastante volumoso: — Azevedo Coutinho deixou Mocambique que mas não deixou cá as suas economias que orçavam por 1.000 contos. Também as não transferiu por intermédio de qualquer banco ou casa bancária. Para transferir tais economias, tinha fatalmente de as converter em cambiais.

Detentor das cambiais, é o Conselho de Cambios. Logo surge, fulminante, uma única resposta a todas as interrogações...

Deve procurar-se, no misterioso Conselho de Cambios, mais o filho escandaloso donde manou o nectar providencial que pôz a bom caminho de Lisboa as fartas economias de Vítor Hugo de Azevedo Coutinho?

A imprensa de Lourenço Marques afirma categoricamente: pelos Bancos não foi feita a transferência das economias do alto commissário destituído. Ora como está na lógica dos factos que o que é verdadeiramente exercia em Mocambique era o lugar de alto comensal, tudo indica, embora isso ainda não esteja cabalmente apurado, que, mesmo à saída, quando de lágrima ao canto do olho estava já dando o ultimo adeus ao seu ninho da Ponta Vermelha, ainda gemeu e comeu bem, fazendo voar, por fios misteriosos, para o seu desterro de Lisboa, cousa parecida com 1.000 contos que foi arrancar à economia duma colónia que lhe ficou devendo a sua penúria, a sua desgraça, a sua desolação.

O ministério das Colónias deve mandar pôr a limpo o mistério da transferência do pé de meia de Vítor Hugo.

Até que emfim os verdugos vão sendo sacudidos. O primeiro a ser sacudido da mesa oramental foi o «Nero». Era de justiça, porque estava na cabeça do rol. Acabou, em seguida, a entradada das Secretarias Provinciais com titulares sem capacidade para modestos amanuenses. Obra de saneamento.

Veu por fim a demissão dos secretários, isto é, de Bartolomeu Severino, Ribeiro Gomes e Craveiro Lopes, a trempe que constituia o conselho privado do «Nero». Para completo saneamento ainda, porém, falta muito. Não podem continuar em Lourenço Marques os grandes responsáveis pelo conflito ferroviário, Avelar Ruas e Oliveira Cabral. Precisam ser enxotados todos os esbirros da situação victorugacia, catalogando-os das delações que fizeram, dos infames depoimentos que produziram; depois é preciso acabar com a devoragem dos contabilistas à razão de 80 libras, com situações de favor em lugares públicos.

E não esquecer, no refazer desta grande colónia, as vítimas inocentes dum governo feroz, reconduzindo-as aos seus lugares, aureolando-as com o prêmio da justiça oficial, hoje que só os vendidos, os sem caracter, os pusilantes deixam de proclamar que se impõe uma compensação honrosa a todos. Os que sofreram sob as patas cruéis dum governo torpe que mais parecia constituido por tigre do que por seres com figura humana.

Uma attitude do Conselho da Federação das Juventudes Sindicalistas

O secretariado do Conselho da Federação das Juventudes Sindicalistas enviou-nos a seguinte nota officiosa:

«Por deliberação do Conselho Federal da F. J. S. faz-se publico que na sua reunião efectuada no dia 3 do corrente, se resolveu suspender imediatamente toda a acção desenvolvida pelo Comité acerca do conflito da C. G. T., assim como a anulação completa da circular enviada aos Núcleos e Organização Operária de comum acordo com a U. A. P., não só por se discordar da mesma como também por ter sido posta em duvida a legitimidade de tal conluio.

Esta deliberação foi tomada por não se ter reconhecido como legitima a acção desenvolvida pelo Comité por o mesmo não ter consultado previamente este Conselho e ainda por tal attitude não ser tomada dentro do Comité com uniformidade de vistas entre os seus componentes que nessa reunião se manifestaram discordantes.

Por motivo de alguns Núcleos se terem já manifestado pró e contra, será submetida à próxima reunião uma circular-referendum a enviar aos Núcleos para rectificação da resolução tomada em principio por este Conselho. — O Secretariado do Conselho Federal.

SOLIDARIEDADE

Comité pró-presos por questões sociais

A festa que, promovida por este comité, se devia realizar hoje, no Salão da Construção Civil, fica transferida para quando se anunciar.

Este comité reúne amanhã, pelas 21 horas, sendo indispensável a comparência de todos os seus componentes, devido à importância dos assuntos a tratar.

Comunica-nos o operário Máximo Ribeiro ter entregue a quantia de 44\$00 a sua camarada Mano Sé, produto de uma subscrição tirada nas obras das Encomendas Postais.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo Por Arkimof. Preço 1\$50.

LUTA DE CLASSES

A crise de trabalho dos empregados no comércio

A classe dos empregados no comércio e industria é uma das que atravessa no momento actual uma situação critica, devido a diversos factores, havendo já milhares de braços que ha tempo não têm onde exercer a sua actividade. Alguns desgraçados já se deslizeram do pouco que possuíam para não morrerem nem deixarem morrer de fome os seus entes queridos. Não podendo suportar mais a crise de trabalho que os asseberba, resolveram numa reunião que há dias tiveram, entregar ao presidente do ministério uma representação onde reclamam certas medidas tendentes a diminuir um pouco a sua afflitta situação, da qual respigamos o seguinte:

«Manutenção do regime de 8 horas de trabalho e, em caso de alteração a essa regalia, que ela seja modificada não para 10 mas sim para 6;

«Abertura dos estabelecimentos às 9 horas da manhã e seu encerramento às 19 horas, por ser a única forma de se cumprir a lei, sem soffismas nem abusos, como actualmente se verifica, excepto tabernas e casas de bebidas alcoolicas, que devem abrir às 10 horas e fechar às 18;

«Que os militares, tanto da armada como do exercito sejam afastados dos numerosos escritórios e estabelecimentos comerciais e industriais, em que vêm exercendo a sua actividade, como guarda-livros, escripturários e até caixeiros de praça, conforme se presencia, sendo esses lugares preenchidos pelos únicos profissionais — empregados no comércio.

Que seja obrigatória a escripturação diária e o uso de livros selados no comércio e na industria, como preceitua o código comercial, exercendo-se uma rigorosa fiscalização, a-fim-de se verificar se os possuíem e se essa escripturação é feita em ordem, devendo essa fiscalização ser feita pelos empregados comerciais, com os conhecimentos técnicos indispensáveis e indicados pelos sindicatos da especialidade autorizados pelas repartições officiaes respectivas;

«Abolição da contribuição industrial lançada indevidamente aos empregados no comércio;

«Que o governo auxilie a constituição de cooperativas de produção e consumo, cedendo-lhes edificios para as suas instalações e adiantando-lhes verbas para o seu funcionamento, onde serão colocados os operários ou empregados no comércio que se acharem desempregados e sob a direcção e responsabilidade dos sindicatos das respectivas classes.

Uma odiosa imposição dos donos da União Fabril ao pessoal dos seus navios

O Sindicato Unico Metalúrgico foi informado de que aos operários que trabalham a bordo dos barcos da União Fabril se pretende impor o seguinte horário de trabalho:

Serão estabelecidos vários turnos, de oito horas cada, pagos indistintamente como até hoje, mas sendo o turno da noite, que é de 13 horas, extraordinariamente, pago como se se prolongasse por 17 horas.

A vilania vai a ponto de se prometer o pagamento de percentagens numa quantia que os senhores da União Fabril achassem mais conveniente.

Quando o chefe dos operários que trabalham a bordo do vapor Porto lhes apresentou esta nova proposta, todos se reuniram imediatamente, a bordo do referido barco, e a repulsa foi unânime.

O pessoal que trabalha a bordo dos barcos da União Fabril encontra-se revoltado contra a pretensão dos seus carrascos e decidido a resistir contra a imposição.

Pessoal metalúrgico da União Fabril

Reúne-se na próxima terça-feira, na sede do Sindicato Metalúrgico, o pessoal de bordo e das oficinas da Companhia União Fabril, a-fim de apreciar a marcha do actual conflito.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinar, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500.

Pedidos de collecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Rendimentos dos operários

Colido pelo motor duma «camionette»

Pedro Jorge, de 30 anos, natural de Rio de Moinhos, ajudante de «chauffeur», morador na Avenida Conde Valbom, N.º 15, foi colidido pelo motor duma «camionette», no Pogo do Bispo, ficando ferido na mão esquerda.

Atropelado por automóvel

No Banco do hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa Timóteo Augusto, de 66 anos, natural de Estremoz, servente, morador no pátio do Tijolo, 5, que no Rossio foi atropelado por um automóvel, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo.

Acometido de doença súbita

Deu entrada na Morgue um indivíduo cuja identidade se desconhece, apresentando ter 60 anos, bem vestido e de apresentação. Pelos documentos que lhe foram encontrados, parece tratar-se de Izidoro Sousa da Silva Pereira, 48, 4, o qual foi acometido de doença súbita numa casa da rua Santo António dos Capuchos, 43, tendo chegado ao hospital de São José já cadáver.

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão administrativa
Para ultimar os trabalhos pendentes reúne-se amanhã, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica — Reúne o conselho federal com a presença de dez sindicatos tendo apreciado largamente o relatório dos delegados à C. G. T. Aprecia também uma declaração de Emídio Santana, tendo sido, acerca dela, aprovada a seguinte questão prévia:

«Atendendo a que o Sindicato Metalúrgico de Lisboa tomou resoluções que se coadunam com a directriz da organização metalúrgica, pelo que se manifestou contrario aos maneios de alguns indivíduos que se intitulam anarquistas, repudiando a circular da U. A. P.;

E atendendo a que o citado delegado deste organismo enviou para a mesa uma declaração recheada de falsidades e insidias saltando por cima das determinações do sindicato que representa, o conselho federal resolve:

Repudiar tal declaração por não estar conforme com a veracidade dos factos e atropelar as normas do sindicalismo.

Foi também aprovada por unanimidade a seguinte moção de ordem:

«Considerando que a matéria contida no relatório dos delegados à C. G. T., ainda que de modo pouco pormenorizado, reflecte todavia a verdade sobre todos os assuntos tratados na C. G. T., inclusive o último incidente havido;

Considerando que a missão dos delegados junto das outras federações pró-dissolução do Conselho Confederal foi determinada por uma grande vontade de acerto;

Considerando que se não fosse tomada essa decisão se arrastaria, dentro do organismo máximo do operariado português, discussão estéril que só poderia contribuir para o desmantelamento da família proletária e para uma profunda descrença no idealismo que deve animar os sindicatos, resolve:

1.º Ratificar a attitude assumida pelos delegados desta Federação na reunião das Federações;

2.º Tomar na devida consideração o relatório aprovado e passar à ordem dos trabalhos.

Em referência ao «Anarquista» quinzenário órgão da U. A. P., foi aprovada uma moção do seguinte teor:

«Considerando que o quinzenário que se intitula O Anarquista tem vindo, há bastante tempo fazendo uma campanha contra a C. G. T. e o seu órgão na imprensa A Batalha;

Considerando que essa campanha tem por finalidade defender os maquiavélicos interesses dum grupo que só tem feito procurar o desmantelamento da organização e criar a desconfiança no proletariado;

Considerando que esse quinzenário tem bolsado as maiores infâmias contra a C. G. T. e os seus militantes é órgão da União Anarquista Portuguesa cujo comité nacional é composto pelos indivíduos que fazem parte do referido grupo;

O Conselho Federal, reunido em 25 de Agosto do ano corrente, resolve:

1.º Repudiar a campanha feita pelo Anarquista contra a C. G. T. e a Batalha à qual manifesta a sua solidariedade incitando-a a desmascarar as pretensões desses despitados.

2.º Protestar contra a obra de desagregação levada a efeito pelo referido grupo.

3.º Tornar-lo responsável pela nefasta obra que está fazendo e obstando para que a C. G. T. cesse de ser um feudo de qualquer partido ou grupo.

4.º Pôr de sobreaviso, por meio duma nota officiosa os sindicatos metalúrgicos contra os maneios que se preparam na provincia com calúnias aos militantes sindicalistas, acusando-os falsamente de estarem fazendo o jogo dos comunistas.

5.º Repudiar a circular da U. A. P. e da F. J. S. por ela defender as ambições e as intrigas do referido grupo, lamentando que a Federação das Juventudes a assinasse apoiando assim os detractores da C. G. T. e dos seus militantes.

Em virtude do adiantado da hora ficou suspensa a sessão que prosseguirá na próxima quinta-feira.

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Serventes. — Reúne-se a comissão administrativa que tratou de vários assuntos, lamentando a falta de comparência de alguns dos seus membros.

A comissão administrativa volta a reunir na próxima terça-feira.

DIAS PROXIMOS

Federação da Construção Civil. — Na próxima terça-feira pelas 21 horas reúne a comissão administrativa.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Reúne-se na próxima 3.ª feira pelas 21 horas a assembleia deste organismo para apreciar a circular da U. A. P. e o parecer da C. S. T. e nomeação de um delegado para a comissão de negociações dos operários sem trabalho.

Conselho Técnico. — Para verificação de contas referentes ao mês findo, reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho fiscal.

Sindicato Unico Mobilário. — A convite dos delegados à C. S. T. reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, os corpos gerentes e todos os camaradas que já tenham exercido cargos, a-fim-de resolver um assunto urgente.

A mesma hora, o pessoal da officina José da Costa, para assunto do seu interesse.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O secretariado, segunda-feira, às 21 horas, juntamente com os delegados dos Sindicatos de Lisboa, a-fim-de receberem O Gráfico.

Impressores tipográficos. — A direcção, segunda-feira, às 21 horas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúne-se amanhã, pelas 21 horas, o secretariado central.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto. — Reúne a comissão administrativa deste Sindicato que depois de dar despacho a vários expedientes, resolveu em conjunto com a comissão de propaganda e comissão reorganizadora da 1.ª Secção deste Organismo nas Antas, realizar uma sessão inaugural da mesma Secção na passada

PERSONALISMOS

Pensar e não executar é pensar incompletamente

Sim! E' absolutamente verdadeiro e indesejável. Seio-o de sobejo e por isso torturo a minha consciência em combates íntimos que por vezes atingem o calor de uma batalha.

Acalentou com amor dentro de meu cérebro ideais de emancipação humana cheios de Beleza.

Quando por vezes idealizo a Sociedade futura a que as massas proletárias hão de dar o primeiro impulso, não posso fugir ao estremitamento de alegria, quasi infantil, que todo o meu pobre organismo sente. Tudo o que é Belo e Bom agita o meu ser em ondas de harmonia e de prazer. A emancipação da Mulher, a companheira fiel que através das gerações temos tratado quasi como a um animal (por vezes, mesmo aos animais) esse resgate sente-o a minha alma infinitamente belo, absolutamente justo!

Quando em rasgos de heroísmo puro, vejo o trabalhador sacrificando a própria vida por aqueles que em troca do seu sacrificio o espinham e maltratam, sinto bem funda em minha alma a mesma grande revolta que faz vibrar em ondas de justa indignação o proletário escravizado.

A altivez de carácter, a lealdade, a franquesa são meus ideais. Verdade, Solidariedade, palavras que resumem em si tudo o que há de belo!

Mas na vida prática (como é doloroso confessá-lo!) quanta vez me desvio das teorias que defendo!

Amo a anarquia! E que tenho feito que praticamente o prove? Acato as ordens da chamada autoridade em paradoxo flagrante com as minhas teorias. Pago tudo o que os governos me indicam que pague. Levo submisso ao comerciante num dia tudo o que ganhei num mês! Roubam-me o que são pela propriedade e eu que sou contra ela deixo-me roubar!

Não reconheço o Estado mas casei-me pelo registro. Lá levei igualmente meus filhos.

E' verdade que nunca um padre lançou sobre os meus, a peçonha da sua benção, mas eu tolero que a porta das suas igrejas estejam pobres pedindo, enquanto que lá dentro dúzias de paus transformados em santos brilham e vergam sob o peso do ouro!

Lutar! Eis o caminho a seguir. Eduquem-nos a nós próprios; façamos a nossa propaganda por todos os meios possíveis; sacrificuemo-nos na medida do possível sem que enfraqueçamos de maneira a não mais oferecer resistência à onda reaccionária. Eduquem-nos e eduquemos os nossos filhos! Que cada lar seja um baluarte na futura batalha social!